

	Brasília
AS QUATRO CONCEPÇÕES DO HOMEM FRANCIS WOLFF	10 SET
A INVENÇÃO DO PÓS-HUMANO FRANKLIN LEOPOLDO E SILVA	11 SET
DO ANTI-HUMANISMO SO PÓS-HUMANISMO: PODE-SE AINDA DEFENDER O HUMANISMO? JEAN-PIERRE DUPUY	15 SET
A CONTINGÊNCIA DO NOVO NEWTON BIGNOTTO	22 SET
O QUE MANTÉM UM HOMEM VIVO? (II): NOVOS DEVANEIOS SOBRE ALGUMAS TRANSGIFURAÇÕES DO MUNDO RENATO LESSA	29 SET
IDENTIDADES IRRECONHECÍVEIS OSWALDO GILACIOIA JÚNIOR	30 SET
O NÃO-LUGAR DO HUMANO JOÃO CAMILLO PENNA	01 OUT
HOMO CIVILIS (OU HOMO SAPIENS 2.0) LUIZ ALBERTO OLIVEIRA	02 OUT
SOBRE A POTÊNCIA POLÍTICA DO INUMANO: RETORNAR À CRÍTICA AO HUMANISMO VLADIMIR SAFATLE	03 OUT
MARX E A CONDIÇÃO HUMANA FRANCISCO DE OLIVEIRA	06 OUT

Artepensamento
r. Benjamin Constant, 117 . Glória . RJ
cep 20241-150
tel (21) 2252-0374
artepensamento@dh.com.br

curadoria **Adauto Novaes**
assistente de curadoria **Thiago Hasselmann**
edição de texto **Afonso Henriques Neto**
direção de produção **Hermano Shigueru Taruma**

design gráfico: Marcelinho Soares

	RJ	BH	SP
AS QUATRO CONCEPÇÕES DO HOMEM FRANCIS WOLFF	1-SET	2-SET	3-SET
A INVENÇÃO DO PÓS-HUMANO FRANKLIN LEOPOLDO E SILVA	2-SET	3-SET	4-SET
O QUE MANTÉM UM HOMEM VIVO? (II): NOVOS DEVANEIOS SOBRE ALGUMAS TRANSGIFURAÇÕES DO MUNDO RENATO LESSA	3-SET	4-SET	5-SET
A CONTINGÊNCIA DO NOVO NEWTON BIGNOTTO	8-SET	9-SET	10-SET
DO ANTI-HUMANISMO SO PÓS-HUMANISMO: PODE-SE AINDA DEFENDER O HUMANISMO? JEAN-PIERRE DUPUY	9-SET	10-SET	11-SET
IDENTIDADES IRRECONHECÍVEIS OSWALDO GILACIOIA JÚNIOR	10-SET	11-SET	12-SET
MARX E A CONDIÇÃO HUMANA FRANCISCO DE OLIVEIRA	15-SET	16-SET	17-SET
SOBRE A POTÊNCIA POLÍTICA DO INUMANO: RETORNAR À CRÍTICA AO HUMANISMO VLADIMIR SAFATLE	16-SET	17-SET	18-SET
O NÃO-LUGAR DO HUMANO JOÃO CAMILLO PENNA	17-SET	18-SET	19-SET
HOMO CIVILIS (OU HOMO SAPIENS 2.0) LUIZ ALBERTO OLIVEIRA	22-SET	23-SET	24-SET
O CONTROLE DE SI: EM DIREÇÃO A UM HOMEM NOVO? JÖELLE PROUST	23-SET	24-SET	25-SET
SOBRE AS TESES DA MORTE DO HOMEM, DO FIM DO SUJEITO E DO ESGOTAMENTO DA FILOSOFIA ANTONIO CICERO	24-SET	25-SET	26-SET
NÓS, AS CIVILIZAÇÕES, SABEMOS QUE SOMOS MORTAIS SÉRGIO PAULO ROUANET	30-SET	1-OUT	2-OUT
AQUILO DE QUE O HOMEM É INSTRUMENTO - DESCARTÁVEL EUGÊNIO BUCCI	1-OUT	2-OUT	3-OUT
DELICADEZA MARIA RITA KEHL	6-OUT	7-OUT	8-OUT
A SEXUALIDADE VAI DESAPARECER? MARCELA IACUB	7-OUT	8-OUT	9-OUT
ONDULAÇÕES PARANÓIDES DE UMA ÉPOCA PASCAL DIBIE	8-OUT	9-OUT	10-OUT
VIOLÊNCIA E SUBJETIVIDADE: A PSICANÁLISE E O SUJEITO PÓS-TRAUMÁTICO SLAVOJ ZIZEK	14-OUT	-	15-OUT
MUTAÇÕES MD MAGNO	15-OUT	-	17-OUT

CURSO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA RECONHECIDO PELO FÓRUM DE CIÊNCIA E CULTURA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO E PELA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

As conferências do Rio de Janeiro serão transmitidas ao vivo pela internet | www.academia.org.br

Inscrições a partir de 18 de agosto

Rio de Janeiro | ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS - TEATRO RAIMUNDO MAGALHÃES JÚNIOR
Av. presidente Wilson, 203 | Centro

Informações e inscrições:

ABL (21)3974-2559 das 12h às 18h | www.academia.org.br
Conferências segundas, terças e quartas às 19h

Belo Horizonte | CASA FIAT DE CULTURA
Rua jornalista Djalma Andrade, 1250 | Belvedere
(31)3289-8903 / 3289-8900 casafiat@casafiat.com.br

Informações e inscrições:

APPA | Rua Paraíba, 330 sl 912 | Funcionários | (31)3224-5350 | appa@appa.art.br
www.casafiatdecultura.com.br
Conferências terças, quartas e quintas às 19h30

São Paulo | SESC AVENIDA PAULISTA
Av. Paulista, 119 | Centro
www.sescsp.org.br

Informações e inscrições:

SESC (11)3179-3700
Conferências quartas, quintas e sextas às 19h30

Brasília | CAIXA CULTURAL - TEATRO DA CAIXA CULTURAL
Setor bancário sul, quadra 4-lote 3/4 | Anexo da Matriz
www.caixa.gov.br/caixacultural

Informações e inscrições:

(61) 3206.9448
UNB (61) 3448-0352 ou 3448-0354
endereço eletrônico para inscrição: www.gje.cespe.unb.br
Conferências às 19h

www.cultura.gov.br/culturaepensamento



MUTAÇÕES - CONDIÇÃO HUMANA
ADAUTO NOVAES

Durante a realização do ciclo de conferências Mutações – Novas Configurações do Mundo (2007), uma questão se impôs: “O que é humano?” A pergunta é, certamente, provocada por uma verdadeira revolução antropológica – revolução tecnocientífica – que, segundo alguns pensadores, tende a levar a uma “desqualificação definitiva” do homem. São múltiplos os caminhos que se abrem para responder à questão, mas, o que nos interessa neste novo ciclo pode ser resumido na seguinte pergunta: “o que é o homem no mundo?”

Os antigos faziam da cidade a condição de uma vida plenamente humana. A famosa frase “O homem é um animal político por natureza” quer dizer, entre tantas interpretações, que o homem, dotado de uma linguagem articulada – o *logos* – tem a capacidade de fundar comunidades onde são definidos o justo e o injusto, o legal e o ilegal, os vícios e as virtudes. Humanistas e pensadores políticos do Renascimento retomam a definição do homem como um ser essencialmente político cuja natureza humana só se realiza na participação ativa da vida pública. Já em nosso tempo uma das perguntas básicas é: o que é feito da condição humana em um mundo que dedica uma reverência religiosa à mercadoria como algo que exerce uma potência sobrenatural sobre o homem? Mais: com o grande avanço da biotecnologia e da tecnociência, outro problema se apresenta. A antropologia sempre nos disse que, apesar das diferenças, pode-se afirmar que todos os homens são iguais, o que nos permite ver o mundo com menos estranhamento, menos radicalmente diferente de nós mesmos. Contudo, o que dizer diante das promessas – realidade para muitos – de novos seres criados em laboratório, os *cyborgs*, os híbridos biotônicos, a inteligência artificial equiparada à dos humanos, em síntese, diante de transhumanos?

Com o advento da revolução tecnocientífica, esta noção ganhou outros contornos sem que o homem se dê conta da mutação: “de repente, viramos e o mundo inteiro mudou de rosto”, escreve Péguy, que nos induz a pensar que entramos no novo mundo de costas. Quando conseguimos virar a cabeça defrontamos com um rosto tão desconhecido pelas inúmeras e impressionantes mudanças que tudo se mostra quase impenetrável, tornando difícil discernir qualquer imagem do humano. Assim, qual o lugar do homem na nova configuração do mundo, estruturada em uma cosmologia relativista e uma microfísica quântica?

Cientistas e pensadores identificam três áreas que afetam de maneira radical a natureza humana: a hipercomputação, a biotecnologia e a neurociência. Mas suspeitamos que nosso maior problema hoje está no descompasso da relação entre ciência e pensamento. Ou, para usar os termos de Merleau-Ponty, no surgimento da rivalidade entre o conhecimento científico e o saber metafísico, entendendo por metafísico “não a construção de conceitos através dos quais tentaríamos tornar menos sensíveis nossos paradoxos”, mas como a experiência de todas as situações da história pessoal e coletiva, “e de todas as ações que, assumindo-as, as transformem em razão”. Então é momento de também se

indagar: haveria ainda espaço para a política hoje, entendendo por política não apenas a criação de direitos, mas também projetos e ideais abstratos? Não estaríamos vivendo um momento no qual estes ideais “transcendentes” são esquecidos em troca dos “fatos” e dos objetos técnicos?

Pensar a civilização tecnocientífica significa pensar a nova condição humana, aquilo que nos lança em direção a nós e contra nós – pôr em discussão não apenas as necessidades artificiais, mas também a origem dos problemas criados pelo próprio espírito. Seremos obrigados a pensar contra nosso próprio espírito?

Outro eixo de interesse deste ciclo de conferências pretende mostrar a visão trágica do humano. Ao partir da afirmação de que o homem é estruturalmente ambivalente e originariamente desumano, “mistura abominável de volúpia e crueldade”, pode-se dizer que a tecnociência teria o papel de potencializar a barbárie. Mas a pergunta que se deve fazer antes de tudo é: há algo de estruturalmente inumano no humano? Ou, acompanhando Nietzsche, aquilo que se tem por inumano não seria o próprio “solo fecundo de onde pode surgir certa humanidade sob a forma tanto de emoções quanto de ações e obras?” Ou seja, ainda e sempre a grande indagação: o que é “humano” hoje?

Paul Valéry escreve que é preciso interessar os espíritos pelo destino do Espírito. Por “espiritual” ele designa tudo o que é ciência, arte e filosofia, dizendo que a relação do homem com o mundo hoje mostra com clareza que verdades estão quase mortas, valores em baixa, ruínas de esperanças e crenças, e principalmente ruína da confiança no espírito, confiança esta que era o fundamento da vida. E resume tal visão trágica: “as civilizações são tão mortais como qualquer ser vivo, não sendo mais estranho pensar que a nossa possa desaparecer com seus procedimentos, suas obras de arte, sua filosofia, seus monumentos, assim como desapareceram tantas civilizações desde as origens – como desaparece um grande navio que afunda”. Outros pensadores – como Spengler, Kraus, Musil, Wittgenstein e Heidegger – caminham no mesmo sentido, desenvolvendo forte crítica da civilização dominada pela ciência e pela técnica. Todas essas idéias serão desenvolvidas ao longo do ciclo.

Por último, é importante citar a impressionante precisão com que Hannah Arendt examina os possíveis caminhos da humanidade na direção do que hoje já se convencionou chamar de realidade “pós-humana”: “É possível que nós, criaturas terrestres que começamos a agir como habitantes do universo, não sejamos mais capazes de compreender, ou seja, de pensar e de exprimir as coisas que, no entanto, somos capazes de fazer. Nesse caso, tudo se passaria como se nosso cérebro, que constitui a condição material, física de nossos pensamentos, não pudesse mais acompanhar o que fazemos, de modo que doravante teríamos realmente necessidade de máquinas para pensar e para falar em nosso lugar”.

